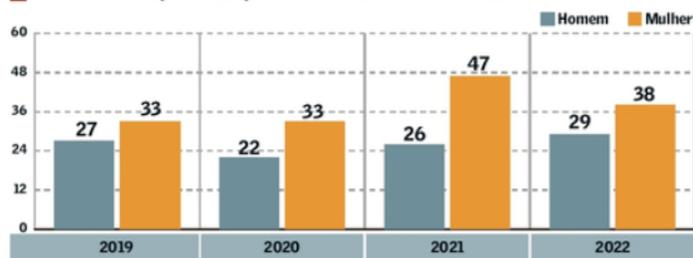


Brasil

Medidas de insegurança alimentar

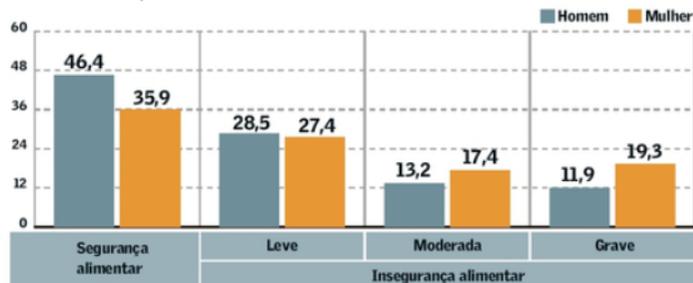
Indicadores mostram maior incidência entre mulheres

Falta dinheiro para comprar comida (em % do total)



Situação de segurança e insegurança alimentar

Pelo sexo da pessoa de referência do domicílio* - em %



Fontes: FGV Social a partir dos dados do Gallup World Poll e Rede Penssan *Dados referentes a 2021/2022

Desigualdade também se manifesta na falta de alimentos

Lucianne Carneiro
Do Rio

As desigualdades entre mulheres e homens observadas no mercado de trabalho e nos cuidados domésticos e com a família se desdobram também em situações assimétricas de acesso a alimentos e segurança alimentar. Pesquisa do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social), a partir de dados do Gallup World Poll, mostra que a dificuldade de comprar comida é maior entre mulheres que entre homens.

A parcela de mulheres que relataram falta de dinheiro para comprar comida subiu de 33% em 2019 para 38% em 2022. Entre homens, essas fatias foram de 27% e 29%, mostram dados antecipados com exclusividade ao Valor. Os números femininos caíram ante 2021 (47%) e os mas-

culinos pioraram (26%), mas a distância ainda é grande.

Estudo da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan) também mostra intensidade maior da insegurança alimentar nos domicílios em que a pessoa de referência é mulher. Quase um quinto (19,3%) dos lares chefiados por mulheres convive com insegurança alimentar grave — quando há falta de alimentos e as pessoas passam fome —, enquanto entre os chefiados por homens a parcela é de 11,3%.

No caso de insegurança moderada — sofre com a falta de alimentos, mas não passa fome —, essas fatias são de 17,4% e 13,2%, respectivamente. Essa realidade só é diferente na insegurança alimentar leve: 27,4% para mulheres e 28,5% para homens.

“Existe um processo de femini-

zação da pobreza, que se tornou mais grave na pandemia. A batata quente, que já estava com as mulheres, ficou ainda mais na pandemia”, diz Marcelo Neri, diretor do FGV Social e responsável pelo estudo que trata da falta de dinheiro para comprar comida.

A renda menor das mulheres, a maior permanência dos filhos com as mães e o maior tempo dedicado às tarefas domésticas e cuidados com família são algumas das razões que contribuem para a maior insegurança alimentar, segundo especialistas.

A economista Priscilla Tavares, integrante do Grupo de Estudos em Economia da Família e do Gênero (GeFam) e professora da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV/EESP), vê a diferença de renda como principal razão para o contraste no acesso a ali-

mentos, mas pondera que a maior permanência dos filhos com as mães contribui para intensificar esse fenômeno.

“Quando pais se separam, especialmente mais pobres, os filhos ficam com mães. Então, mesmo que fossem pessoas de mesma renda, as mulheres compartilham renda com mais gente.”

Pesquisadora da Rede Penssan e professora do Instituto de Nutrição Josué de Castro/UFRJ, Rosana Salles-Costa explica que é principalmente a renda que influencia na compra dos alimentos.

“De praxe já tem a desigualdade de renda entre homens e mulheres. E isso se acentua entre as mulheres mais pobres, que acabam tendo menor escolaridade e uma condição pior para lidar com os filhos. Elas não têm com quem deixar as crianças, atrasa o retorno ao mercado...”, diz.